

Estéticas do esgotamento:
extratos para uma política
em Beckett e Deleuze

Alexandre de Oliveira Henz



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor

Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor e Pró-Reitor
de Coordenação Acadêmica

Rui Vicente Oppermann

EDITORA DA UFRGS

Diretora

Sara Viola Rodrigues

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Ana Lígia Lia de Paula Ramos

Carlos Alberto Steil

Cornelia Eckert

Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Rejane Maria Ribeiro Teixeira

Rosa Nívea Pedroso

Sergio Schneider

Susana Cardoso

Tania Mara Galli Fonseca

Valéria N. Oliveira Monaretto

Sara Viola Rodrigues, presidente



COORDENADORA DA COLEÇÃO:

Tania Mara Galli Fonseca

CONSELHO EDITORIAL:

Andréa Vieira Zanella – (UFSC)

Cecília Bouças Coimbra – (UFF)

Denise Bernuzzi Sant’Anna – (PUC/SP)

Eugénia Vilela – (Universidade do Porto/PT)

José Mário d’Ávila Neves – (UFRGS)

José Nuno Gil – (Universidade Nova de Lisboa)

Jusamara Souza – (UFRGS)

Luis Gomes – (Editora Sulina/PUCRS)

Luiz B.L. Orlandi – (Unicamp)

Maria Elizabeth Barros – (UFES)

Marisa Lopes da Rocha – (UERJ)

Peter Pál Pelbart – (PUC/SP)

Sandra Mara Corazza – (UFRGS)

Suely Rolnik – (PUC/SP)

Estéticas do esgotamento:
extratos para uma política em
Beckett e Deleuze

Alexandre de Oliveira Henz



Editora Sulina

© Alexandre de Oliveira Henz, 2012

Capa:

Carla Luzzatto

Coordenadora da Coleção:

Tania Mara Galli Fonseca

Projeto gráfico:

Carla Luzzatto

Editoração:

Niura Fernanda Souza

Revisão:

Silvia Noll Louzada

Revisão gráfica:

Miriam Gress

Editor: *Luis Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Paula Pegas de Lima CRB 10/1229

H528e Henz, Alexandre de Oliveira
 Estéticas do esgotamento: extratos para uma política
 em Beckett e Deleuze / Alexandre de Oliveira Henz. – Porto
 Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2012 – (Coleção
 Cartografias)
 160 p.

ISBN: 978-85-205-0612-7
 978-85-386-0141-8

1. Psicologia. 2. Sociologia do Comportamento. I. Título

CDD: 159
 316
CDD: 301

Editora MERIDIONAL
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim
Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS
Fone: (0xx51) 3311.4082
Fax: (0xx51) 2364.4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Editora da UFRGS
Ramiro Barcelos, 2500
Santa Cecília – Porto Alegre, RS
Cep: 90035-003
Fone/fax (51) 3308.5645 – www.
editora.ufrgs.br
www.livraria.ufrgs.br

Novembro/2012

Agradecimentos

Paulo Barros, Lilith C. Woolf, Isadora Rivero, Suely Rolnik, Rafael Flores, Damian Krauss, Jurandir Freire Costa, Margaret Chillemi, Lis Henz, Mariel Zasso, Fábio de Souza Andrade, Érika Inforsato, Luis Orlandi, Ana Henz, Guilherme Corrêa, Roberto Machado, Leonardo Palma, Aristides Henz, Virginia Lobo, Tomaz Tadeu da Silva, Gabriela Caravela, CAPES-PICDT, Marilu Goulart, Rogério H. Z. Nascimento, François Zourabichivili, Francisco E. Freitas, Paula Sibilía, Mônica de La Fare, Sandra Corazza, Alexandra Nice, Ágata Ulrich, Ricardo Imaeda, Edson Passetti, Rosane Preciosa, Liev Míchkin, Gabriel kolyniak, Jenaro Talens, Marcos Villela, Liziane Pereira, Oswaldo Giacóia, Nelson Rivero, Ana Godoy, Sérgio Morales, Belacqua, Gustavo Dorneles, Silvio Ferraz, Marcos de Medeiros, Ilia Oblomov, Silvia Balestreri Nunes, Peter Pal Pelbart, Dionísia Henz, Francisco Argiles, Marco Aurélio Pereira, Giovanna de Marco, Alcides Vieira Cunha, Ilza Pereira, Terezinha Henz.

Sumário

Prefácio	9
<i>Peter Pál Pelbart</i>	
Campo e efetuação	13
Capítulo I	
Possível, cansaço e esgotamento	19
Capítulo II	
Séries, coisas e exaustão	31
Capítulo III	
Silêncio e fluxos de voz.....	37
Capítulo IV	
Imagem, produção e dissipação. Espaço e potencialidades	49
Capítulo V	
Figura, dissipação, clichês e sensações	81
Capítulo VI	
Cálida impessoalidade e largueza de alma	101
Capítulo VII	
Estéticas e éticas: políticas e esgotamento	107

O fim está no começo e, no entanto, continua-se	119
Posfácio	125
<i>Luis B. L. Orlandi</i>	
Notas	131
Referências	151
Coleção Cartografias	157

Fio tênue. Nervura virtual.

Um livro como o de Alexandre Henz deveria ser avaliado pelas notas recônditas que consegue atingir na alma de seus leitores. Às vezes, isso ocorre muito longe da Academia e da maneira mais imprevista, indireta. É sempre ali onde menos se espera que aquilo que se escreve acaba ecoando. Basta mencionar a referência de Deleuze à carta que recebeu da associação dos catadores de papel, depois da publicação de seu livro *A Dobra*, em que eles diziam, “A Dobra somos nós...” Essa concepção de encontro é muito singular, pois não implica a valorização da cultura, da erudição, mas do encontro, e não o encontro necessariamente com pessoas, mas com cores, sons, ideias, silêncios, hesitações, balbucios... Com isso, já adentramos na atmosfera desse trabalho, com o qual tenho inúmeras afinidades. Claro, as mais óbvias passam pela frequentação por Deleuze, por Beckett, por uma certa perspectiva do político, porém, mais profundamente, afinidade com uma certa intuição que atravessa o trabalho como um todo. Conviria partir de um ponto crucial, mesmo que, nos enrolemos com as palavras ao tentar defini-lo, mesmo que para tentar operá-lo, por vezes nos vejamos impelidos a montar maquinarias teóricas um pouco pesadas, mesmo que sejamos empurrados para conceitos um pouco maciços. Pois essa intuição, que neste livro é fortíssima, diz respeito a um vetor afetivo que o autor antena, persegue e vislumbra num tipo de literatura, ou teatro, ou filosofia, e que ele acompanha nos seus desdobramentos políticos e éticos. Trata-se de um fiozinho muito tênue, uma espécie de nervura do real, para brincar com uma obra conhecida, que nesse caso seria antes uma nervura virtual que diz respeito a um estado da

sensibilidade contemporânea, ou da alma contemporânea: um estado de esgotamento. A meu ver, esse fiozinho é capaz de amarrar ou desamarrar muitos fenômenos atuais. O simples fato de ter detectado e privilegiado esse fio e feito dele o fio condutor da análise, já é um mérito maior desse escrito, diante daquilo que hoje se oferece para pensar. Trata-se, como o diz o livro, de um estado de intensidade sem qualquer finalidade prática. Ele é tão desorientador e ao mesmo tempo fascinante justamente por recusar qualquer finalidade prática, desmontando assim uma máquina muitíssimo azeitada que nos faz funcionar bem demais, ou mesmo aquelas máquinas também bem azeitadas, sejam elas literárias ou políticas, que pretendem combatê-la... Lembro a bela passagem de Adorno, citada pelo autor: as peças de Beckett ou o verdadeiramente terrível romance “O Inominável” provocam uma reação frente à qual as obras oficialmente engajadas desbancam-se como brinquedos.

Pois bem, admitamos que se trata de um estado de intensidade no limiar de uma conversão... Não sabemos se é bom ou ruim, se é o fim de alguma coisa ou o começo de outra, se é um sintoma niilista ou justamente o esgotamento de um certo niilismo, se é o último homem ou o além do homem, se é uma atitude de passividade ou de atividade, de dissolução ou de abertura... É o que faz desse fio algo tão contemporâneo. Creio que tal ambiguidade nos lança a um plano, por assim dizer, para além do bem e do mal, do útil ou inútil, do desejável ou intolerável. No entanto, se o autor o abraçou, é pelo que isso comporta de abertura, de força liberadora, seja em relação aos clichês, seja aos automatismos, seja ainda aos falsos movimentos ou encadeamentos do mundo... É a dimensão política que vem à tona com esse conceito, ou nesse afeto, ou nesse estado da alma. Na esteira de Deleuze e Zourabichvili, a passagem do cansaço para o esgotamento é relacionada à passagem do “nada de vontade” para a “vontade de nada”, do niilismo passivo para o niilismo ativo. Mas há uma nota a mais, nesse trabalho, que não passa despercebida a um leitor que conhece um pouco os textos referidos. Esse estado de intensidade, que nos libera do pragmatismo, do sensório motor, da utilidade, da finalidade, mas também da clausura do eu, da pessoalidade, do onanismo, serve-nos sobretudo nesse momento, nesse contexto, diante das urgências do presente. Se

há uma pescaria sem previsões, ao menos se permanece ativo; se é para nada, não é sem certo otimismo; se é esgotamento, há dele como que uma apropriação; se há acídia e silêncio, não é enquanto frouxidão, mas como fecundidade; se há lentidão, ela não é entrega passiva, mas produtividade não pragmática; se o ativar-se é para nada, ele pode “auxiliar em uma certa operatoriedade política do involuntarismo”... Ou ainda, se é impessoalidade, ela é cálida, se é abulia, é dela um uso astucioso e escrupuloso. Se é intensidade esgotada, não é retraimento, mas aguda atividade, incessante construção de redes... Como se o autor temesse que esses termos tão condenáveis ou irrelevantes, segundo uma certa tradição política, pudessem soar como apolíticas, ou pós-modernas, no sentido de uma desistência cínica, de um derrotismo... Como se fosse preciso insistir na dimensão política desse não político, no aspecto (e aqui retomo os seus termos) otimista, fecundo, produtivo, ativo, operatório, construtivo... Uma espécie de positividade politizada, que percorre o trabalho... Ouso a hipótese de que o autor vive na pele uma espécie de ambiguidade filosófico-política que não é só sua, em que por um lado estão conceitos-limite provenientes do pensamento de Deleuze, com sua potência de esburacamento e, por outro, uma corrente negriana ou nos arredores dela, com seu militan-tismo e sua concomitante tentação de totalização. Isso está longe de ser uma objeção. Apenas relança a pergunta: como conciliar o afeto do esgotamento com uma urgência política, de que modo esses dois regimes se cruzam? Eu gosto da expressão presente nesse estudo que dá uma pista fecunda para ser retomada por outros – uma ética e uma política do esgotamento inventa o jogo da expectativa.

No fundo, esse livro não carece de explicações, muito menos de prefácios ou pós-fácios. Vale para ele o que nele está referido a Beckett: quando convidado a explicar seu Esperando Godot, ele responde: “Eu não sei quem é Godot. Nem mesmo sei se ele existe. E não sei se eles acreditam nisso ou não, os dois que o esperam.. Tudo o que consegui saber, eu mostrei. Não é muito. Mas me basta, é o suficiente. Diria até que estaria satisfeito com menos. Quanto a querer encontrar em tudo isso um sentido maior e mais elevado para levar consigo depois do

espetáculo, junto com o programa e as guloseimas, não vejo nenhum interesse nisso...”

Peter Pál Pelbart